

HAUFNIENSIS E A VERDADEIRA COMPAIXÃO: REFLEXÕES PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA

Myriam Moreira Protasio

Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro, Brasil

orcid.org/0000-0002-2156-9269

RESUMO: A compaixão é usualmente compreendida como um sentimento de pesar e de tristeza causado pela tragédia alheia, e que desperta a vontade de ajudar e confortar quem dela padece. Desta forma, compaixão se refere a um valor humano e uma experiência comunitária que combina o poder sentir o que o outro sente, compreender seu sofrimento e expressar-se por meio de uma ação de ajuda na situação. Na tradição da Psicologia, em sua modalidade clínica, poder sentir e compreender a experiência do outro é descrito pela perspectiva da empatia, entendida como habilidade fundamental para que se estabeleça uma relação de ajuda. Esse texto pretende dialogar com o pseudônimo Haufniensis em suas considerações sobre diferentes formas de compaixão: desde a interpretação do acontecimento pela perspectiva de uma pena, que diminui o outro, até uma possível perspectiva que ele denomina verdadeira compaixão, que se caracteriza por um saber sem ilusões e que busca avançar lentamente e com bastante dificuldade na elucidação da realidade. Acompanhando as discussões abertas por Haufniensis, conclui-se que é possível estabelecer uma relação de ajuda na clínica psicológica que se constitua em uma verdadeira compaixão, uma forma de disposição que espera, junto ao outro e a si mesmo, o *instante*, aquele espaço e tempo em que se faz possível diluir a opacidade de sentidos e esclarecer a totalidade do que está em questão, orientando os sentidos e as ações em direção ao que é essencial.

PALAVRAS-CHAVES: Sören Kierkegaard. Relação de ajuda. Empatia. Psicologia.

HAUFNIENSIS AND TRUE COMPASSION: REFLECTIONS FOR PSYCHOLOGICAL CLINICS

ABSTRACT: Compassion is usually understood as a feeling of grief and sadness caused by the tragedy of others, awakening the desire to help and comfort those who suffer. In this way, compassion refers to a human value and a communal experience that combines the ability to feel what others feel, understand their suffering, and express oneself through helpful action in the situation. In the tradition of psychology, particularly in its clinical modality, the ability to feel and understand the other's experience is described from the perspective of empathy, seen as a fundamental skill for establishing a helping relationship. This text aims to engage in a dialogue with the pseudonym Haufniensis in his considerations about different forms of compassion: from the interpretation of an event from the perspective of pity, which diminishes the other, to a possible perspective he calls true compassion. True compassion is characterized by a knowledge without illusions and a slow, challenging advancement in elucidating reality.

41

Following the discussions opened by Haufniensis, it is concluded that it is possible to establish a helping relationship in clinical psychology that embodies true compassion – a disposition that patiently awaits the moment, that space and time in which it becomes possible to dissolve the opacity of meanings and clarify the totality of what is at stake, guiding senses and actions toward what is essential.

KEYWORDS: Søren Kierkegaard. Helping relationship. Empathy. Psychology.

INTRODUÇÃO

Esse texto pretende dialogar com o pseudônimo Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2010), em suas considerações sobre a compaixão, buscando pensar a relação clínica psicológica em diálogo com os elementos postos em questão por este pseudônimo.

A compaixão é comumente compreendida como um sentimento de pesar e de tristeza causado pela tragédia alheia, despertando a vontade de ajudar e confortar quem dela padece. Dessa forma, compaixão se refere a um valor humano e uma experiência comunitária que combina o poder sentir o que o outro sente, compreender seu sofrimento e expressar-se por meio de uma ação de ajuda na situação. Na tradição da Psicologia, em sua modalidade clínica, poder sentir e compreender a experiência do outro é descrito pela perspectiva da empatia, entendida como habilidade fundamental para que se estabeleça uma relação de ajuda. Em diferentes tradições da psicologia clínica (Protasio, 2023) a empatia é tomada como uma disposição que deve ser aprendida e aprimorada no sentido de garantir uma verdadeira condição de ajuda ao outro.

Kierkegaard (2010), sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, identifica a compaixão como uma disposição que nasce do desejo de ajudar o outro. Ele põe em questão os diferentes modos de interpretação que sustentam as ações de ajuda: desde a interpretação do acontecimento pela perspectiva de uma pena do outro até uma possível perspectiva que ele denomina *verdadeira compaixão*. Para Haufniensis, o problema da pena ou dó do outro é que o ajudante pode não pensar seriamente e profundamente sobre o que está acontecendo com o outro e, principalmente, consigo mesmo na situação, agindo a partir de uma disposição imediata. As consequências deste tipo de interpretação é que o compassivo, embora consiga sentir o que o outro sente, acaba impondo sua própria perspectiva, acreditando saber melhor que o outro o que é o seu bem. Para Haufniensis, essa seria uma *falsa compaixão*, na medida em que o compassivo faz algo pelo outro, mas não necessariamente ajuda o outro.

Haufniensis (Kierkegaard, 2010), propõe uma *verdadeira compaixão* que se caracteriza por um saber sem ilusões: o ajudante sabe que nunca é apenas o outro que está em questão, por isso ele cuida para não assumir uma posição fundada numa interpretação prévia e autorreferenciada. O compassivo se demora na situação, buscando diferenciar as disposições presentes e esclarecendo o que é destino e o que é culpa, por exemplo. Kierkegaard diz que conquistar esse tipo de esclarecimento significa avançar lentamente e com bastante dificuldade na elucidação da realidade, pois o que quer que seja descoberto só pode ser assimilado na dor e na entrega que une a totalidade do que está em questão. Conclui-se que, na clínica, a verdadeira compaixão se sustenta no interesse mútuo pela relação e por aquilo que se movimenta na relação, sempre afinado com a originalidade do que é mobilizado, em liberdade e humildade.

1 – ENTRE EMPATIA E COMPAIXÃO

O que acontece em uma relação é de grande importância para a psicologia clínica, na medida em que a clínica tem como seu fundamento a relação que se pretende de ajuda. Na tradição da clínica psicológica, a empatia aparece como elemento central desse acontecimento, compreendida como a capacidade de se colocar no lugar do outro para sentir o que o outro sente e, a partir deste entendimento, melhor intervir para transformar.

O termo empatia origina-se na palavra grega *empathéia*: *en* – dentro – e *páthos* – paixão –, e acena para a habilidade de imaginar-se no lugar de outra pessoa compreendendo seus sentimentos, desejos, ideias e ações. Também diz respeito à capacidade de interpretar padrões não verbais de comunicação. Termos como simpatia, cuidado e compaixão também estão presentes quando se pergunta pelo significado de empatia. O fundamento da empatia é de que é possível sentir com o outro seu *páthos* – seu sofrimento, sua paixão.

Em Psicologia, a empatia é entendida como a capacidade de uma pessoa compreender o outro em seu sofrimento e agir de forma a promover transformações em seu modo de ser, sendo destaque nas pesquisas e no desenvolvimento de diferentes perspectivas. Protasio (2023) desenvolveu sobre essa questão mostrando como, paulatinamente, a empatia passa a ser um instrumento de trabalho que o psicólogo deve aprender e treinar para aprimorar sua capacidade de ajudar o outro. Até os dias de hoje, a empatia é objeto de investigações no sentido de mapeá-

la, estabelecendo suas caracterizações, e orientando os profissionais que exercem ajuda psicológica no sentido de aprimorarem essa disposição.¹

Por outro lado, a compaixão, embora seja facilmente compreendida como uma experiência da vida relacional, não costuma ser pensada dentro dos estudos em Psicologia, com exceção para os escritos desenvolvidos a partir de relações de ajuda de cunho religioso. De fato, a experiência que designamos como compaixão traz uma pesada carga do horizonte cristão em que vivemos, como aparece no próprio sentido da palavra encontrado nos dicionários: compaixão² é um substantivo feminino que diz do sentimento de piedade e comiseração com o sofrimento alheio, um sentimento de pena, dó, compaixão pelas pessoas infelizes. Sentimento de pesar, de tristeza causado pela tragédia alheia e que desperta a vontade de ajudar, de confortar quem dela padece. No contexto de uma experiência religiosa cristã, seu sentido deriva da tradução da palavra hebraica *ra jam* e indica demonstração de misericórdia e pena das misérias daqueles que sofrem e que se expressa em uma ação de ajuda. No budismo, a compaixão é um valor que permite que todos sejam tratados com igualdade na compreensão das misérias e que pressiona para ajudar os outros em seu sofrimento.³

Etimologicamente, a palavra compaixão deriva do grego *συμπάθεια* (*sympatheia*), que indica um sentimento de simpatia, e do latim *Cumpassio*, que enfatiza o sentimento de tristeza. Em nossos dias, além da perspectiva religiosa, a compaixão costuma ser tratada dentro das vertentes de investigação ético-sociais. Em todas essas interpretações, a compaixão se refere a um valor humano e uma experiência comunitária que combina o poder sentir o que o outro sente (empatia), com misericórdia para com o *sofrimento dos outros*, e que desperta a vontade de ajudar, de confortar quem dela padece.

Também Haufniensis (Kierkegaard, 2010) trata do tema da compaixão. Ele alerta para a importância de que se reflita sobre o tipo de compaixão que é exercido, uma vez que nem toda forma de ajuda reflete uma verdadeira compaixão. Mas, como seria isto? O sentir a dor do outro e mobilizar-se para ajudá-lo pode não representar uma verdadeira ajuda?

¹ Dentro da tradição fenomenológica, a *Unidad de Filosofía y Humanidades de la Psiquiatria*, Clínica Psiquiátrica da Universidad de Chile, representada pela psicóloga Dra. Leonor Irarrázaval, organizou em 2021 a série *Fenomenología de la empatía, conceptualizaciones, patologías, implicaciones de género y aplicaciones clínicas* com o objetivo de proporcionar conceituações fenomenológicas sobre a noção de empatia e iluminar as possíveis relações entre empatia e psicopatologia, delineando sua aplicação na prática clínica e na investigação empírica.

² Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/compassao/>>.

³ Disponível em: <<https://pt.about-meaning.com/11034377-meaning-of-compassion>>.

Haufniensis pensa a compaixão no contexto da descrição das “posições psicológicas da liberdade diante do pecado, ou estados psicológicos aproximativos do pecado” (Kierkegaard, 2010, p. 126). Para ele, a compaixão (*Medlidenheden*) é uma dessas experiências próprias da vida em sociedade, pois é difícil não ser afetado e afetar na vida em comum. Ele mostra que a compaixão, essa experiência de ser tomado (afetado) pelo acontecimento do outro, se sustenta no modo como interpretamos e agimos na situação: o modo como somos afetados e interpretamos esse afeto se reflete no modo como correspondemos, ou seja, como agimos na situação. Sobre isto, Haufniensis adverte que a compaixão deve ser pensada no marco da diferenciação entre uma discussão ética e psicológica.

Do ponto de vista ético, a ação do outro pode ser interpretada como um erro (pecado) e aquele que foi tomado por compaixão trabalha no sentido de salvar o outro de seu erro, aproximando-o de um ideal ético. Do ponto de vista psicológico, a ação humana é interpretada como posição que se efetiva e emerge do caráter de liberdade e abertura do homem, podendo expressar um modo de estar no bem ou no mal, sendo o bem a liberdade, ou seja, o sustentar-se enquanto abertura; e o mal, a não liberdade. Haufniensis (Ibidem) mostra que a experiência que indica essa tensão é a angústia, a abertura originária em que o humano existe e experimenta sua existência, sabendo que angustiar-se é existir já diante do outro existente e do outro de si mesmo. Esse é o jogo em que se dá a existência, pois a liberdade é sempre enredada e o que importa é poder manter-se em movimento descobrindo, a cada vez, a exigência própria da relação/rede que se é.

O ponto de Haufniensis (Ibidem) é que a angústia que sobrevém à ação humana (o pecado) sob forma de inquietação, assombro, estranhamento, é ela mesma o anúncio do erro, anúncio de que a liberdade está perdida. Isso significa dizer que o afeto que irrompe em dada situação é o modo como, para cada um, aparece sua própria situação, não como uma consciência epistemológica, mas como um saber/experiência que ele designa como angústia. Em outras palavras, angústia se mostra na inquietação, assombro, estranhamento que anuncia o modo como se julga a experiência ou posição em que se está – ainda que esse julgamento não chegue à palavra e radique numa linguagem que não é verbal. Angústia anuncia também a possibilidade de retomar a existência em outras bases, enfrentando o mal (a realidade, o dado) e retomando a liberdade e mobilidade na situação.

Desta forma, o ponto de vista psicológico anuncia um ponto de vista também ético, não no sentido de uma moral universal, mas no sentido de uma segunda ética, uma afinação do

indivíduo com a exigência própria da situação em que está. Para Haufniensis, a condição espiritual do homem é de que “seja qual for a consequência do pecado, sempre será um sinal de uma natureza mais profunda” (Kierkegaard, 2010, p. 124).

Haufniensis realiza, no âmbito do quarto capítulo *d’O conceito de angústia*, um empenho psicológico de análise de certas formas de lidar com a realidade. Ele não quer julgar os comportamentos, mas apreendê-los, compreender seus dilemas e problemas. Seu ponto é a angústia que sobrevém ao pecado, ou seja, a experiência que denuncia que a liberdade está perdida; e a verdadeira compaixão que, numa relação de ajuda, sustentaria a possibilidade de que acontecesse o salto para a liberdade. O salto a que Haufniensis se refere tem lugar na relação do homem consigo mesmo, ou seja, é um salto na própria existência para novos modos de existir. Mas não se deve entender essa relação do homem consigo mesmo como, imediatamente, consciência (ética), e sim como um *estado psicológico diante do pecado*, uma afetação e uma relação com a realidade efetiva. A consciência, como a concebemos, como conhecimento, é tardia. Mas, originariamente, consciência é experiência, saber vital. Angústia é, portanto, saber vital, relação e posição em constante tensão, ancorada por possibilidade de mudança e da retomada de uma relação livre com a existência.

A questão é que, na maior parte das vezes, a angústia que emerge do caráter de possibilidade que somos, denunciando a necessidade de mudança de posição, de transformação, é experimentada como desconfortável, estranha, insuficiente, e preferimos evitar a retomada da liberdade. Algumas situações em que isto acontece serão descritas a seguir:

- 1- Haufniensis (Kierkegaard, 2010) diz que a angústia denuncia que se está no erro, na não-liberdade (o mal), e convoca no sentido de se enfrentar o mal e retomar a liberdade. Neste caso, a inquietação (a culpa ou o arrependimento, por exemplo) anuncia uma possibilidade de mudança, possibilidade que precisaria ser tomada seriamente. Mas tomar a situação seriamente é “uma grande raridade”, diz ele (2010, p. 122), pois na maior parte das vezes o arrependimento se vale de inúmeros argumentos para permanecer onde está: o arrependimento enlouquece, enredado em seus argumentos, e não é capaz de efetivar uma ação transformadora que retomaria a liberdade.
- 2- Há, ainda, a possibilidade de afundar-se cada vez mais nesse estado de não liberdade, desafinando mais em relação ao que apela, naquela situação, para a possibilidade de retomada da liberdade. Essa angústia quer enfrentar a liberdade recusando a possibilidade de inaugurar outro estado. Neste caso, dá-se o que Haufniensis (Kierkegaard, 2010) chama de *demoníaco ou o hermeticamente fechado*. No hermetismo, toda comunicação está cortada: tanto consigo quanto com o próximo. O

hermético é o sem palavras, o que não se comunica nem com o outro e, menos ainda, consigo mesmo e, nesta falta de comunicação, aferra-se à não-liberdade.

Haufniensis esclarece que o hermetismo pode se mostrar como mutismo; mas também como retórica, palavreado, tagarelice, dispersão, credice. A falta de comunicação do demoníaco se assemelha a uma brincadeira na qual “duas pessoas ocultam-se sob um manto como se tratasse de uma só, e uma fala e a outra gesticula, ao acaso, sem conexão com as palavras” (Kierkegaard, 2010, p. 126). Exemplos extremos de falta de comunicação podem se refletir em modos de comportamento que desafiam os códigos da relação em comum e que costumam ser alocadas no campo das psicopatologias, ou mesmo dos atos criminosos, nas quais a liberdade (o outro) desaparece em meio a atos de covardia que parecem coragem; ou em situações em que a credice justifica todo tipo de violência.

O que é importante ressaltar é que aquele que se angustia já apareceu para si mesmo e é afetado pela posição em que está. Neste ver, tem diante de si a possibilidade de permanecer na posição ou mudar de direção – ou seja, a angústia resguarda sempre possibilidade de retomada da liberdade. Angústia não é uma experiência solipsista, mas o próprio despertar do espírito (o homem) enquanto existência que se sabe vida lançada em comunidade. O outro é voz e lembrança da liberdade enquanto realidade de possibilidade para a possibilidade, enquanto possibilidade de retomada e redirecionamento existencial.

Em síntese, existir é afetar e ser afetado, o que significa também poder ajudar e ser ajudado. E compaixão é a experiência da vida em comum que se reflete no modo como correspondemos ao que nos afeta na relação com a dor do outro, agindo de forma a aliviar seu sofrimento. Neste sentido, empatia e compaixão são experiências diferentes: enquanto a empatia quer sentir ou imagina poder sentir o que o outro sente, o compassivo, ao ser afetado na relação com o outro, pode agir de forma a mitigar seu sofrimento.

Mas, seria toda tentativa de ajudar o outro uma *verdadeira ajuda*? Essa é também a questão de Haufniensis (Ibidem). Através do caminho proposto por ele, seguiremos pensando de que modo a compaixão, ou seja, a ação que emerge da afetação na relação com o outro, reflete uma verdadeira ajuda. Para, em seguida, poder pensar que contribuições essas reflexões trazem para um pensamento clínico em Psicologia.

2 – VIGILIUS HAUFINIENSIS E A VERDADEIRA COMPAIXÃO

Haufniensis diz que o compadecer “é a mais miserável de todas as virtuosidades e habilidades sociais” (Kierkegaard, 2010, p. 127), justamente porque é difícil dizer se, e como, o compadecente realmente ajuda o outro. Por exemplo, a compaixão pode ser compreendida como piedade ou dó do outro e, nessa experiência, o ajudante pode se dar permissão para não pensar mais seriamente sobre a situação e, menos ainda, sobre ele mesmo na situação, agindo de forma imediatista. No agir apressado, o ajudante não tem tempo para compreender o que está ali em questão, de forma que a ação pode refletir mais um puro egoísmo e superficialidade do que, propriamente, um interesse por aquele pelo qual a ajuda foi mobilizada.

A vida cotidiana é recheada por esse tipo de apelo compassivo: um pedido de esmola, uma visita a alguém doente, etc. O risco de uma reação irrefletida é o de que não se veja propriamente o outro, mas, acreditando saber melhor que o próprio o que é o seu bem, se lhe imponha uma opinião ou perspectiva. Haufniensis (Ibidem) diz que ajudar desta forma pode aplacar a inquietação do ajudante e fortalecer a impressão de que é apenas o outro que está em questão, que aquela situação diz respeito apenas ao outro. Mas, isso seria um equívoco na medida em que o ajudante acaba assumindo uma posição moral de superioridade na relação.

Haufniensis (Ibidem) esclarece que na experiência de verdadeira compaixão nunca é apenas o outro que está em questão. E, por isso, o ajudante precisa se cuidar para não assumir uma posição moral de superioridade. Mas, como seria isso? O que sustentaria essa experiência? Para responder a essas questões, Haufniensis diz que é preciso refletir sobre os fundamentos que sustentam a ação compassiva. Para ele, a época atual parece ter preferência por uma compaixão sentimental, temendo ser verdadeiramente afetada pelo que acontece com o outro. Teme-se ser cortado e cauterizado, mesmo quando isso representa a cura verdadeira, preferindo-se ações apressadas e superficiais. Nessa forma de compaixão sentimental, nunca se medita de forma mais grave sobre a situação como um todo, “não ousamos no sentido mais profundo, meditar sobre tais coisas e então nos salvamos pela compaixão” (Kierkegaard, 2010, p. 127).

De forma a tornar mais clara essa discussão, Haufniensis discorre sobre alguns pontos de vista ou interpretações que sustentam formas superficiais de compaixão na lida com o outro que sofre:

- 1- O ajudante considera a situação como uma fatalidade, determinada pelo destino, por falta de sorte, pelas condições em que o outro vive ou, mesmo, por uma debilidade mental congênita, de forma que ele fica isento de responsabilidade. Nesse modo de interpretação, as justificativas para o

comportamento presente podem ser encontradas em experiências passadas. Pode-se, inclusive, determinar culpados: os pais, o mundo, ou mesmo a condição biológica. Em qualquer caso, a interpretação é de que a liberdade está perdida: o indivíduo está fadado a permanecer no mal (na não liberdade) e o compadecente carrega a responsabilidade de salvá-lo, ainda que esta salvação signifique diminuir o outro em sua capacidade de poder, ou seja, em sua liberdade. O que fica esquecido, neste tipo de interpretação, é que se o sofrimento é destino pode alcançar qualquer um. E que o sofrimento não é uma generalidade, mas uma especificidade, uma dor de alguém em uma situação concreta.

- 2- Outra forma apressada de compaixão é tomar a situação e o agente como eticamente condenáveis sem, no entanto, dar-lhes o tratamento adequado. Nesta forma de interpretação, evita-se um verdadeiro esclarecimento sobre o que é destino e o que é culpa. Haufniensis diz que “em nosso tempo tendemos a estremecer ante os fatos, ficamos emotivos” (Kierkegaard, 2020, p. 129), incapazes de imprimir uma real correção. Tal disposição mostra a pouca maturidade daquele que não se implica na situação. Mas, mostra maturidade àquele que se consola ao ouvir sua responsabilidade de forma sincera e em seriedade, pois, a verdade, em lugar de roubar-lhe a liberdade, precisamente a devolve na medida em que ele *pode*, ao ver sua implicação, transformar a situação ou transformar-se a si mesmo na situação.
- 3- Uma terceira forma de compaixão superficial dá-se ao tomar a situação pelo ponto de vista médico-terapêutico: apela-se a explicações médicas e a justificativas que isentam o doente, submetendo-o a um saber especializado. A compaixão pergunta pelo doente, o médico promete fazer um quadro estatístico, de forma a tornar clara a situação – mas o fenômeno, sendo físico e somático, será tratado como costumam fazer os médicos: dizendo que o caso é muito grave, receitando pós e descanso. O médico e o farmacêutico, em comum acordo, internam o doente para que ninguém fique preocupado, pois “em nossos bravos tempos não se ousa dizer a um paciente que ele há de morrer, não se chama um pastor, com medo de que o doente morra de susto” (Idem, p. 129).

Talvez seja esclarecedor recorrer a um exemplo de alguém que age pensando que a doença mental é apenas do outro. Trata-se do personagem Bacamarte, do livro *O alienista* de Machado de Assis (2012). Bacamarte era capaz de identificar qual era a doença mental de alguém, fazendo uso de certos critérios científicos; mas era incapaz de ver que o que atinge a um, atinge qualquer um, ou seja, que também para ele se aplicariam tais critérios. Foi preciso muito tempo e muitas internações para que essa realidade se abrisse para Bacamarte, para que ele visse sua própria loucura no modo como enxergava a loucura dos outros. Haufniensis diz, sobre isso:

Há que ter simpatia, mas a simpatia só é verdadeira quando se confessa intimamente que o que atinge a um, pode atingir a todos. Só então se obterá um proveito para si e para os demais. Um médico de manicômio que seja bastante tolo para crer que seu bocado de razão está por toda a vida assegurado contra o risco de qualquer acidente é num certo sentido mais sensato que os dementes, porém ao mesmo tempo, mais tolo, e seguramente não há de curar a muitos (Kierkegaard, 2010, p. 59).

Um outro exemplo, que vem do campo das iniciativas públicas, também pode ser elucidativo: um conjunto de ações feitas no sentido de erradicar a pobreza do mundo estará, certamente, protegendo os mais necessitados. Mas, não estaria também defendendo a todos da possibilidade de experimentar a pobreza um dia, ou até mesmo da convivência com tanta pobreza? Já que ficar pobre é uma possibilidade para qualquer um? Ou, se os hospitais públicos oferecem melhores serviços, os mais necessitados estariam sendo atendidos. Mas, isso também não prepararia um lugar para cada um dos cidadãos quando se fizesse necessário? É preciso refletir que quando o compadecente se pensa fora do perigo que assola o outro, pode enxergar de forma restrita a totalidade do que está em questão naquela realidade.

Ao discorrer sobre estas diferentes formas de interpretação da realidade, Haufniensis (Ibidem) mostra que a falta de liberdade está presente em todas as esferas da vida humana. E que, mesmo a ação compassiva, pode estar revestida da falta de liberdade, o que redundaria em alguns problemas. Um primeiro problema é que aquele que ajuda pode até estar sendo empático, sentindo imaginativamente o que o outro sente, mas ele não está verdadeiramente implicado na situação. Estar implicado significaria compreender em cada situação sua gravidade, e encará-la com a seriedade de uma *verdadeira compaixão*, quando aquele que ajuda entende que não se trata apenas do outro e que ao lutar pelo outro, luta também por si mesmo.

Na compaixão verdadeira, ao se relacionar com o fenômeno da falta de liberdade, descobre-se que traços do hermetismo se encontram em todo homem, tão certo como todo homem é um pecador. Isso quer dizer que todos nós estamos nas mesmas tensões. Por isso, na verdadeira compaixão, a questão começa por saber diferenciar até que ponto está em jogo o destino e até que ponto se trata de culpa, ou seja, de liberdade. Essa diferença deve ser considerada seriamente, diz Haufniensis (Ibidem), de forma livre e enérgica, de modo a manter uma posição firme independentemente de todo espanto que isso possa causar. Na medida em que é difícil entender o que está em questão em uma situação, é preciso coragem para meditar

de forma profunda e não se deixar levar de forma apressada a um gesto de compaixão que nos consola, mas faz pouco pelo outro.

Assim, a verdadeira compaixão se constitui como um genuíno interesse pelo interesse do outro, sabendo que o que atinge uma pessoa pode atingir qualquer pessoa. E nisso ela difere de uma compaixão benfazeja, que pensa a si mesmo como estando fora da situação – acima dos riscos que o outro está correndo. Na verdadeira compaixão nada é indiferente, e um homem compadece-se do outro na mesma medida em que compadece de si mesmo; preocupa-se com o outro na mesma medida que se preocupa consigo, porque o que salva o outro salva também a si mesmo. O que salva o outro não é uma ação específica em detrimento de outra, mas a coragem e disponibilidade para interpretar a realidade como ela é. E de agir de acordo com ela.

3 – A VERDADEIRA COMPAIXÃO NO ÂMBITO DA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Em um de seus evangelhos dos sofrimentos, Kierkegaard (1843/2022) diz que em todas as épocas o homem experimenta sua provação espiritual, sua dor e solidão, sua angústia e impotência. E todos precisam responder em dor e solidão à sua própria tentação – àquilo que a vida lhe exige –, salvando sua alma na confirmação do homem interior, pois só o homem irreflexivo não se preocupa com isso, desistindo de si mesmo e se tornando incapaz de ser senhor da criação. Ele cita o exemplo de um homem que acredita que é suficientemente astuto: ele vive o hoje planejando o que fará amanhã, faz negócios, constrói novos reservatórios para sua riqueza. Esse homem pode despertar para sua ilusão ao escutar que à noite virão buscar sua alma, não seus bens acumulados, mas sua alma. Essa voz noturna exerce a verdadeira compaixão, na medida em que devolve ao homem a totalidade de sua realidade, que não se restringe aos bens acumulados.

Haufniensis (Kierkegaard, 2010) mostra que a verdadeira compaixão exige uma correspondência na medida da realidade, da solicitação e da necessidade. Para o psicólogo ou o *conhecedor de almas* (*Sjelekyndiges*), o caminho da compaixão se constitui na atmosfera da própria relação clínica, que é o afetar e ser afetado na mesma autocontradição (paradoxo) que nos constitui: não havendo verdade absoluta, o que há é um constante orientar-se na direção da verdade e da liberdade, e no constante perigo de a estar abandonando. É preciso resistir à tentação de levar a sério o pensamento grandioso sobre o que se pode fazer pelos outros; é

preciso lembrar que todo saber começa por um saber sobre nós mesmos – sobre o que queremos, aquilo que conseguimos e do que fizemos (Kierkegaard, 1844/2018b, p. 92). Considerando que todos precisam responder em solidão sobre sua própria existência, só o homem sério sabe que ser senhor de si mesmo é ser servo – isso significa conhecer a realidade, não das coisas, mas do significado que o mundo tem para si e o significado que tem para o mundo, o seu significado no mundo e para o mundo.

A verdadeira compaixão, ao experimentar uma paixão compartilhada em lugar de infantilizar o outro e de agir como se aquilo que acontece ao outro jamais lhe ocorreria, corresponde na medida do que está em questão e na medida do que é possível – ele está tanto na possibilidade quanto na realidade, tanto em si como com o outro. Desta forma, o ajudante sempre recorre à realidade, não se distancia dela e cuida para se manter aí onde pode encontrar o fundamento sólido para avançar.

Aquele que quer ajudar permanece na escuta ativa/passiva a isto que se dá a ver e ouvir e que sustenta as ações, acolhendo-o para onde, a direção ou o caminho que se abre a partir de um aproximar que desprende e de um desprendimento que aproxima. Nessa demora, e seguindo a direção que se transpareceu, o clínico experimenta diferenciar o que é liberdade e o que é destino e, com coragem, corresponde na medida do que é requisitado, podendo ser voz que desperta o outro. Nesse despertar, a interioridade/seriedade pode se fazer, libertando-se na medida em que encontra a sua necessidade, aquela que realiza o que a possibilidade requer.

Assim, a verdadeira compaixão, na clínica, se faz como um elo que sustenta os envolvidos, como um *inter-esse* que é paciência, pois entende que o sofrimento é precisamente a determinação da interioridade, que provê cada um com o seu próprio saber. Em paciência, o ajudante põe-se no mesmo compasso que o outro. Para Campos, “a paciência afina a vida ao tempo da cura” (2022, p. 124) e, nisso, pode encarar qualquer aragem do tempo como um sinal da providência que tem significação para o que há de fazer. Constantemente renovado em seriedade, o clínico está disposto para um saber junto ao outro; por isso o caminho da compaixão é cuidado e não pena; é paciência de um “tempo longo e diferença mínima” (Justo, 2009), de instantes que sustentam o abandono e a conquista da liberdade em um só átimo.

A verdadeira compaixão não se apressa; não se ilude e não ilude o outro minimizando a gravidade da situação; não se ilude e ilude o outro por meio de sistemas explicativos que desviam a atenção do que verdadeiramente importa. Mas, amorosamente, compartilha a dor da realidade, demorando-se à espera, à espreita de um *para onde que* oriente a experiência. Neste

sentido, a verdadeira compaixão é um agir passivo e um patientar ativo que espera junto ao outro e a si mesmo por uma transparência que dilua a opacidade e direcione um caminho. Sustenta-se em um saber convicto de que “cada um tem recurso em si próprio, e isso é o principal” (Kierkegaard, 1847/2018a, p. 193) – nessa fé, afia a escuta para o “eu posso” do outro e de si mesmo.

O psicoterapeuta exerce a verdadeira compaixão em silêncio. Sua ação é um aguardo que acolhe o espanto ou o escândalo, ou seja, acolhe o momento em que a inquietação ou o impasse se anunciam, em que aparece aquilo que quer se esconder, que aparece o medo, a covardia ou o orgulho. O clínico não está em um lugar seguro, de onde pode olhar e julgar (interpretar) a ação do paciente. Ele não diz ao outro o que ele está escondendo, ou que ele está com medo. Ele transita junto ao outro, compartilhando outros modos de ver, colocando, por exemplo, a situação oposta e levantando questionamentos que auxiliem a que esse outro veja seu modo de agir na situação: E se você se arriscar? E se você acordar cedo e fizer o que você está adiando fazer, o que pode acontecer? E se você não fizer isso que, fortemente, parece a única coisa a fazer? Tais questões acontecem como um tatear claudicante que, alinhado com a realidade, anuncia o que está em questão e orienta o agir, sustentando a possibilidade de retornar à situação de outra forma, eventualmente realizando uma conversão, uma mudança de direção, exercitando-se em liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, tomou-se as considerações de Kierkegaard (2010) sobre a verdadeira compaixão desenvolvida pelo pseudônimo Vigilius Haufniensis. Mas Kierkegaard traz nuances destas discussões em outras obras, como em *Obras do amor*, (Kierkegaard, 1847/2005), onde ele pensa a relação de ajuda pela perspectiva do dever de amar ao próximo. Também o amor ao próximo pode não ser, verdadeiramente, amor ao próximo, e ser apenas amor a si mesmo; por isso é preciso pensar na possibilidade verdadeira de um amor que não tem a si mesmo como fim último. Pensar assim possibilita uma verdadeira disponibilização ao outro sem a intermediação do cálculo utilitarista, da lógica. Falta a estas formas utilitaristas de amor a paixão capaz de atrair e sintonizar o interesse pelo interesse do outro, e não como interesse a si próprio (segundo eu).

Kierkegaard mostra que, no verdadeiro amor, amamos o outro como primeiro tu e a nós mesmos como um segundo tu, de forma que estamos sempre em uma relação de alteridade que exige de nós constantemente podermos ver o outro como a nós mesmos. Ecoa, aqui, as palavras de Haufniensis que diz que aquele que exerce a verdadeira compaixão, ao lutar pelo outro, luta por si mesmo e só “aí a compaixão adquire significado e só aí encontra talvez o sentido” (Kierkegaard, 2010, p. 128). Conforme ressalta Protasio (2022), Kierkegaard aponta para uma dimensão de experiência amorosa que é de uma tal liberdade que sua maior alegria é afirmar o próprio do outro, ou seja, ajudar o outro a tornar-se livre para si mesmo.

Outra palavra utilizada por Kierkegaard e que remete a compaixão é misericórdia. A palavra misericórdia une duas partículas: *miser* – um antepositivo que vem do latim e indica pobreza extrema, miséria, adversidade; e *cor* – de coração, daquilo que fala ao coração, que afeta. Em geral, entendemos que o mais importante numa relação é remediar toda forma de miséria, de dor e sofrimento, salvando o outro. Mas, diz Kierkegaard (2005), mesmo que tivesse sido erradicada toda a miséria do mundo, ainda assim não saberíamos se a ajuda foi um socorro de misericórdia e não um socorro baseado na noção de carência, no cálculo do tamanho das dívidas e dos recursos disponibilizados para remediar a miséria. Uma ajuda que parte da certeza de que sabemos qual a necessidade do outro.

Kierkegaard sugere uma outra compreensão para misericórdia: uma obra de amor movida pelo afeto, pelo coração, e que se faz mesmo quando não se tem nada a dar e nem condições de o fazer, um lugar que “é oculto ou está no oculto”, numa “conexão insondável com a existência” (2005, p. 24). Esse estar em uma conexão insondável não diz de um não se fazer presente, de que a relação não apareça. Ao contrário, assim como as plantas dão frutos e flores, fazendo aparecer sua qualidade, “o próprio amor, num certo sentido, mora no oculto, e justamente por isso só se dá a conhecer nos frutos que o revelam” (Idem, p. 22).

Pensando as experiências de empatia, compaixão, amor, misericórdia como genuinamente humanas, toda relação é perpassada por elas. O que se tentou mostrar neste texto é que, embora genuínas, nem sempre elas se constituem como uma ajuda àquilo que o outro solicita, ou melhor, àquilo que uma situação verdadeiramente exige. Especialmente quando se pensa a relação clínica, é preciso estar alerta para essa realidade, meditando continuamente de forma a encontrar o “ponto de Arquimedes” (Kierkegaard, 1843/2009, p. 91), aquele ponto que esclarece a totalidade do que está em questão e mobiliza uma retomada da existência em novas bases.

Assim, não se trata de um treinamento de habilidades, mas de, humildemente, manter-se atento e disposto ao acontecimento. Na clínica, a verdadeira compaixão se sustenta no interesse mútuo pela relação e por aquilo que se movimenta na relação, sempre afinado com a originalidade do que é mobilizado, em liberdade e humildade. Poder ver que a relação é feita da implicação e criação entre os envolvidos, e que é esta realidade que sustenta o acontecimento e as possibilidades que ali se abrem. O clínico não é um salvador que sente o que o outro sente e, por isso, pensa saber o que o outro é ou para onde pode ir; ou ainda que acaba por substituí-lo no cuidado consigo mesmo (Feijoo & Protasio, 2010). A importância do psicoterapeuta está em poder ver a realidade e agir sem medo de que o paciente não goste, ou abandone aquela relação clínica.

O que acontece, o que é produzido ou criado na relação clínica é *inter-esse*, caminho a ser percorrido, a ser trilhado, do qual não se sabe nem princípio nem fim, mas se tem fé no apelo por ele aberto. Pensar em verdadeira compaixão, em amor ou misericórdia, no âmbito de uma ajuda clínica psicológica, é pensar nessa entrega, sem ilusões, sem bravatas salvadoras, mas corajosa e livre para o que se mostra como o que precisa ser pensado.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *O alienista*. São Paulo: Editora Núcleo, 2012.

CAMPOS, Eduardo S. A paciência como método. Em *Aoristo: International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, v.r, nº 2, pp. 115-125, 2022.

FEIJOO, A. M. L. C. & PROTASIO, M. M. Os desafios da clínica psicológica: tutela e escolha. Em *Revista da abordagem gestáltica*, XVI (2), pp. 167-172, jul-dez, 2010.

JUSTO, José M. Introdução. In KIERKEGAARD, Søren. A. *A repetição*. Trad.: José Miranda Justo. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 2009, pp. 9-22.

KIERKEGAARD, Søren. A. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Trad.: Álvaro Luis. M. Valls. Petrópolis: Editora Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. A. *A repetição*. Trad.: José Miranda Justo. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 2009.

_____. *O conceito de angústia*. (Á. L. M. Valls, Trad.) Petrópolis: Editora Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2010.

_____. *Discursos edificantes em diversos espíritos - 1847*. (Á. L. M. Valls e Hagelund, E., Trads.). São Paulo: LiberArs, 2018a.

_____. *Prefácios*. Trad.: Susana Junic. Lisboa: Relógio D'Água, 2018b.

_____. *Três discursos edificantes [1843]* (Levinhsphul, H. Trad.). Teresópolis: Edição do tradutor, 2022.

PROTASIO, Myriam M. O Amor se conhece pelos frutos: considerações de Kierkegaard sobre as Obras do Amor. In: *Reflexões sobre o luto e práticas clínicas: Atendimentos clínicos supervisionados pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e Estudos de Convidados*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2022, pp. 19-50.

_____. O aspecto retraído do entre da relação clínica. In: *Entrelaçamentos: perspectivas clínicas em Psicologia*. Uma homenagem aos 70 anos de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo. Rio de Janeiro: Edições IFEN, pp. 19-43, 2023.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora e Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Pós-doutorado em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN, onde é também professora, supervisora e coordenadora de pesquisa no Núcleo de Pesquisas do IFEN. Membro da Comissão Diretiva da Associação Latino-americana de Psicoterapia Existencial (ALPE). Pesquisadora no grupo “Margem Kierkegaardiana” vinculado ao projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial - LAFEPE/UERJ. Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, CNPq, Brasil, nas linhas de pesquisa Psicologia clínica e Filosofia da existência; Fundamentos fenomenológico-existenciais em diferentes práticas em Psicologia; Psicoterapias Existenciais e Humanistas. Autora dos livros *O si mesmo e as personificações da existência finita: comunicação indireta rumo a uma ciência existencial* e *Da genialidade sensível ao amor à norma: existência e consciência em Kierkegaard*. Organizadora e coautora do livro *O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica*. Temas de interesse: Søren Kierkegaard; Psicologia Clínica Existencial; O envelhecer na atualidade. E-mail: myprotasio@yahoo.com.br

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 22 de janeiro de 2024

Aprovado em: 27 de janeiro de 2024

Publicado em: 30 de março de 2024